



Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

O problema da HABITAÇÃO

Voltamos à entrevista do Ministro da Habitação, começada já a referir. E, como pensamos, na linha de Pai Américo, que «hão-de nascer de pequeninas as coisas destinadas a ser grandes», mais do que os milhões anunciados e os grandiosos projectos conjunturais, que tardam ou nunca chegam, interessam-nos as soluções locais, aquilo que é possível ir fazendo com a prata da casa e vai remediando eficazmente as feridas urgentes e contribuindo com a sua modesta quota-parte para a fixação das populações ao território, em vez da sua concentração desequilibrada nas grandes metrópoles.

Claro que há uma grande interdependência entre esta fixação e o desenvolvimento económico regional. Sem este, muitos terão de emigrar das suas terras, que nem só de

casa vive o homem! Porém, a posse da casa ajudará alguns a vencer a primeira tentação e talvez a sua persistência acabe por atrair o dito desenvolvimento aonde haja populações decididas a permanecer.

Por isso nos anima e regozija o princípio de que «o desenvolvimento económico de uma determinada área deverá ser coordenado com o desenvolvimento geral de outras áreas, sobretudo as do interior, tendo em vista o crescimento e desenvolvimento harmónico de todo o território».

Por este esforço «de intervenção para obviar a crescimento descontrolados» se bate O GAIATO desde há trinta anos, contra um muro de surdez e de cegueira. Por isso são hoje deserto de populações activas tantas zonas do interior do País; e Lisboa se tornou uma cidade cercada de barracas; e

dentro dos seus limites, como no Porto, subvivem agregados imensos de pessoas em promiscuidade desumanizante.

Vejamos, pois, «como encara o Ministério, nos campos habitacional e urbanístico, a descentralização política, administrativa e financeira e quais as relações entre os órgãos do poder central e as autarquias, no que se refere à elaboração de programas e sua execução».

«O programa do Governo — respondeu o Ministro — aponta para uma progressiva regionalização e municipalização, isto é, para uma maior participação das populações na determinação das suas necessidades (...) e para uma efectiva participação dos órgãos locais na sua execução. Isto significa que (...) deverá ser dada progressivamente maior competência (...) e maior autonomia administrativa e financeira aos

órgãos de poder local para as necessárias tomadas de decisão e de execução das acções previstas no Plano.»

Oxalá a pontaria acerte no alvo. As linhas que o Ministro anuncia autorizam as autarquias à exigência de meios. Se tudo, nos mais pequenos pormenores de concepção e execução, continua dependente do Terreiro do Paço e de toda a sua carapaça burocrática, pouco poderão andar. Sem meios financeiros próprios; com os autarcas a gastar tempo e dinheiro em viagens a Lisboa para encarecerem os problemas locais e mendigar os remédios que deveriam ter à mão — nada se adiantará.

Mas também, regionalmente, se têm de mentalizar populações e seus órgãos administrativos a esgravatar por si o mais que puderem e a não esperarem da capital as soluções prontas e as verbas totais para a sua execução. O grande argumento das suas reclamações será o trabalho feito com os

recursos próprios, de que I que tirar o maior partido. Este é possível, na medida e que uma administração caseira não envolve as despesas de grandes dimensões e é capaz de maior eficácia. Além disso, mais é possível um calor humano que não existe nos órgãos estatais — valor não despreciando. De que o bairro é capaz, se não for controlado pelo fanatismo a ponto de substar as necessidades e os direitos de outras populações! — o que ao Estado caberá, em última instância compatibilizar.

Porém, se no dizer do Povo «quem doi o dente é quem vai ao dentista», julgamos que é às autarquias que pertence o dever de motivar poderes e inventar meios para a satisfação das necessidades dos seus povos.

E o Governo deixa a porta aberta para estes são atrementos!

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

Visitantes menos atentos às coisas da rua, querem saber se para nós os problemas tendem a desaparecer; se recebemos mais apoio, ou há menos crianças abandonadas. Desde que esta Casa existe nada mudou; apenas um pouco mais de atenção da grande cidade de Lisboa. Oficialmente, tudo como dantes.

Os rapazes que entraram pequeninos, inocentes dos seus males, tantas vezes físicos, também hoje vão saindo homens, seguros de si. Alguns ficaram pelo caminho, não pelo seu, mas pelo daqueles que deviam ser os primeiros responsáveis. Hoje são como eles. Hoje uns, amanhã outros.

Há meses, dois foram com a mãe que apareceu aqui e, sem que nos apercebéssemos, os levou. Alertámos quem os trouxe até nós, até porque nada constava abonatório da mãe. Poderia ser o apelo do sangue materno a chamá-los a si e à sua responsabilidade. Ontem aparece o pai com eles: «Ela foi deixá-los no prédio onde eu moro. Tive de pedir aos vizinhos umas mantas para os agasalhar porque não tenho onde os meter. Ela fez isto para me estragar a vida. Sabe que para os ter comigo não posso trabalhar e se não trabalho como hei-de viver?»

Que ideia farão dos pais, estas crianças? É evidente que temos de recorrer ao Tribunal de Menores para nos dar a sua tutela. Não consentiremos que, qual bola de trapos, apanhem mais pontapés; ou, como brinquedo estafado, sejam lançados fora como empecilho. Não podemos deixar de pensar que muitos o

são de vários modos para os pais. Uns porque constituem estorvo à vida desregrada que levam; outros porque não tendo sabido educá-los, se vêem a braços com problemas sem solução. Ontem mesmo me falaram de um pai, humilde tanoeiro, que mercê de muito trabalho e privações, conseguiu estabilizar a sua vida. Amealhou um pouco; fez casa; comprou carro. O filho, jovem, começou a pedir ao pai que o deixasse sair com o carro. Temendo contrariá-lo, acedeu. Depressa acontece o pior: mulheres, droga, tráfico clandestino para a fronteira; levaram à miséria o filho e o pai.

O mal nasce no íntimo de cada homem, lá onde cada um é senhor absoluto, mas extravasa e submerge. Está hoje estandardizado e até comercializado.

Mas vamos aos nossos. Manhã cedo de hoje, domingo, foram levados outros dois pela mãe. Aquelas crianças adoráveis de uma povoação próxima, cujo ambiente de meretrício aqui falado há tempos, certamente os vai lançar, mais cedo ou mais tarde, no caudal da escumalha social.

À tarde, apareceu aqui outra. O todo a denuncia, se não soubéssemos já por quem nos entregou os seus filhos, que era mais uma «da vida». Dois estavam com o pai, alcoólico inveterado; um com a avó, velhinha e doente, que nos chegou a dizer que era tal o seu desgosto, que a filha nunca devia ter nascido.

Continua na TERCEIRA página



Miranda do Corvo: Um quadro familiar. A «Guarda» sente-se feliz com a felicidade dos «senhores». O fotógrafo — Padre Elias (maconde) — descobriu uma das nossas melhores «facetas». Tudo e todas as coisas nos podem ajudar a encontrar a felicidade.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● «Viúvas de Trabalhadores rurais criam Associação para lutar pelos seus direitos à Previdência» — era o título de um vespertino lisboeta. Ainda estamos nesta fase, cá pelo nosso País com oito séculos de História... e elevada percentagem de cristãos.

Há quanto tempo pegamos no mote, com tristeza!

É grave o esquecimento a que votaram as Viúvas do meio rural.

Mas o exemplo que vem de cima — e aqui está o mal — repercute-se no seio das próprias famílias!

Filhos há que não se interessam pelas mães (e quem diz mães diz pais). Não se lhes dá, não têm vergonha!, da sua vida pequeno-burguesa enquanto os progenitores, na terceira-idade, morrem lentamente como animais sem utilidade!!

● Um mal nunca vem só! Quando os Marginais recebem a mísera cêdea da Previdência, é o *totobola*, a solução do problema — para as *barrigas cheias!* Tanto, que já se criou, em determinados meios, a consciência ou mentalidade, falsas, de que não há Miséria! É fácil enterrar a cabeça na areia... para se fazer bem a digestão.

● Os donativos da quadra natalícia solveram os compromissos dos Pobres!

A despesa mensal anda por dez contos! É mercearia, farmácia, auxílios monetários... Tudo o necessário numa casa de família. E mais, ainda, *pequenos auxílios* aos Auto-constructores, visto que evitamos sacrificar os fundos do Património dos Pobres.

O nosso tesoureiro andava angustiado. Mas sossegou. Estamos *lisos*, mas sem *calotes* em parte nenhuma. Graças a Deus!

● PARTILHA — Vamos abrir o livro do Banco dos Pobres. Logo de entrada topamos a assinante 5591, do Porto:

«Junto uma pequena ajuda (200\$00) para os vicentinos distribuírem como entenderem.

É pouco para tanta necessidade, mas quando me for possível enviarei mais. E Deus me ajude a cumprir o meu dever de católica, em caridade.»

Que bem!

No Espelho da Moda alguém entregou 250\$00. Mais 100\$00, do Porto. Cinco vezes mais da assinante 23336, que pede «uma oração pelo meu restabelecimento, pois acabo de ser submetida a operação melindrosa». Outros 100\$00 «por alma de dois irmãos». Assinante (e vicentina) 23547 com 250\$00. Ficamos muito contentes com presenças vicentinas. O dobro de Braga. Retribuímos o abraço. Cinco dólares de Naugatuck. Chegaram a salvo! Mogadouro, 100\$00. O habitual vale do correio da rua Pascoal de Melo — Lisboa. Oferta muito útil, de Oledo. De Leça do Balio outra vicentina manda «os últimos 500\$00 que tenho deste mês». Alice com 100\$00. Um nosso antigo discípulo

da Escola Mouzinho da Silveira, o remanescente de contas com O GAIATO. Um abraço muito amigo.

«Mais uma migalhinha para substituir a que não foi encontrada», pela mão da assinante 17929, de Lisboa. Ainda mais 100\$00 da assinante 616. Novamente o Porto com 80\$00 «para as necessidades da Conferência». Os Amigos de D. António Barroso nunca faltam; seguem com os 20\$00 do costume. «Uma Alentejana», que reside no Porto, de vez em quando aparece por carta; manda 300\$00 «sufragando a alma dos meus queridos mortos».

Cem escudos de algures. Mais 100\$00 por intermédio do nosso Padre Abraão. Quatro vezes mais de uma senhora do Porto. Mais 500\$00 da assinante 11163, que afirma: «Como me veio ter às mãos aquilo que eu não contava, não quero deixar de repartir com os nossos Irmãos». Lisboa, 100\$. Como vê, o vale «esticou». Corações ao alto! Três mil da capital. E, como hoje estamos rodeados de alguns vicentinos — trabalhadores da mesma acção discreta — não podemos deixar de fechar a crónica sem nos referirmos particularmente a um recoveiro dos Pobres, lisboeta, que «é frequente ter de» nos «escrever quando recebo O GAIATO — o badalo de Deus a chamar-nos a atenção». Com 1.000\$ na mão, acrescenta: «Há coisas que arrancam o coração e O GAIATO frequentemente nos dá esses arranhões. E quando o coração é vicentino o arranhão sente-se mais».

Corresponde assim, oportunamente, a um caso ventilado nas últimas edições.

Para todos, muito obrigado — em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA VICENTINA — A nossa Conferência, apesar de tudo, continua a dar a mão aos Pobres. É um dever cristão. E de todos os homens de boa vontade.

Por isso, sem a vossa ajuda, sem o vosso apoio, leitores e amigos, ela terá mais dificuldades na sua acção.

Agradecemos a vossa contribuição, sempre que possível, para que a vida dos Pobres seja melhor; para que eles tenham, ao menos, o indispensável mínimo de subsistência, como seres humanos que são.

ESCOLA — Está em curso o segundo período escolar. No anterior, os estudantes comportaram-se dentro das suas possibilidades; mas podia ter sido melhor ou pior... Em geral, o saldo foi positivo.

Agora, estamos lançados num período longo. Temos muitas dificuldades a superar, a fim de acabarmos o ano lectivo vitoriosos. Mas, com muito estudo, dedicação e, afinal, com trabalho metódico, será vencido.

O ambiente calmo que, agora, se vive nas Escolas, ajuda-nos a cumprir o nosso dever. Temos, portanto, que nos esforçar. E Deus nos ajude.

Até à próxima oportunidade, amigos leitores.

Manuel Mendes

ECOS DO NATAL

● Gostei muito do Natal, mas passei-o na cama, no Hospital de Penafiel e em nossa Casa.

No Hospital brinquei e ajudei os empregados a trazer de comer aos doentes.

No Ano Novo fui passar férias a casa. Comi rabanadas, arroz doce, aletria e bolos. Comi muito bem. Gostei muito de ir a casa.

«Perna Longa»

● O Natal é uma festa e comemos coisas boas. Para mim foi *foleiro*... O Natal para toda a gente foi uma alegria.

«Ferreirinha»

● No Natal houve presentes para toda a gente. E, de véspera, teatro.

Muita gente não teve Natal. E não teve presentes.

«Capitão»

● O Natal é uma festa muito alegre e bonita. Todos os meninos têm brinquedos. É o Menino Jesus que os dá às criancinhas?

Para mim foi uma alegria porque comi batatas com bacalhau e rabanadas e aletria e foi uma festa bonita.

Algumas pessoas não passaram bem o Natal porque estiveram muito doentes, outras morreram quase perto do Natal.

José Carlos Pinheiro

● O Natal não é um dia de festa porque há pessoas que estão nas barracas e são pobres e eu, que estou na Casa do Gaiato, gostaria de dar-lhe o almoço natalício, que decorreu

os almoços aos Pobres que choram e pedem qualquer coisa para comer.

O Natal foi um lindo dia e, agora, vou dizer qual a minha prenda: um carrinho e uma camioneta e um chocolate e um balão e dois cartuchinhos de um cromo do Kungfu e dois *chiclets*. Fiquei contente com esta linda prenda.

Aproveito para dizer que no domingo passado o Mário, que estava a substituir o «Eusébio» chefe-maioral, deixou-me ir ver o Paço de Sousa. Quando entrei no portão do futebol e disse que era gaiato deixaram-me logo entrar de graça!

«Ciganito»

Paço de Sousa

NATAL — O nosso Natal, e agora falo por mim próprio, foi um dia como outro qualquer, mais coisa menos coisa, mas o certo é que tudo tem continuado na mesma após o Natal. O que para muitos é a festa dos comes e bebes.

Quantos dias de feriado intitulados de Natal já passaram e tudo continua na mesma?! Já seria tempo de compreendermos melhor o significado do Natal.

Em conjunto, comemos a consoada (batatas com tronchuda e bacalhau). Seguiu-se o serão que decorreu no salão de festas, onde os mais pequenos quiseram mostrar o que levaram aos nossos amigos de Vila do Conde e da fábrica Cinca, etc. Tudo isto até à meia-noite. Depois, foi a Missa do Galo.

No dia de Natal, levantámo-nos à hora que quisemos. Alguns houve, porém, que ficaram na cama até mesmo em cima da hora. Em seguida na Casa do Gaiato, gostaria de dar-lhe o almoço natalício, que decorreu

alegremente. De resto, tudo normalmente.

FESTAS — Começaram os preparativos para a grande Festa do Coliseu. Como sempre não nos esquecemos dos amigos do Porto, que tanto nos querem e que durante o ano nos visitam. Pois iremos retribuir essas visitas com um dia de animação. Os ensaios estão a cargo, principalmente, do nosso Pe. Abel. Desejo da minha parte uma boa inspiração e, oxalá, uma boa festa!...

FESTAS MIÚDAS — Os nossos pequenitos realizaram uma festa no Lar do Comércio, onde repousam pessoas da terceira idade.

Almoçámos com eles e, depois, seguiu-se uma festa, da qual, estou certo, todos gostaram e colaboraram.

Aqui fica uma saudação ao Lar do Comércio, na certeza porém de que não esqueceremos esses Amigos e, quando houver outra oportunidade, aí voltaremos. Agora, como foi combinado, esperamos a vossa vinda a nossa Casa.

E já que estamos em maré, um obrigado ao Pe. Abel e à D. Maria Angélica por tão bons momentos de alegria que nos proporcionaram.

NEVE — Dia 11 de manhã, tive-mos a visita da neve.

Mal pegou, porque momentos antes tinha estado a chover e, por isso, derretia.

Na tipografia, a alegria foi constante. Alguém dizia: — Olha neve, olha neve! A este chamamento, todos os que trabalhavam no escritório foram logo ver o «fenómeno». Até os mais pequenos que, nessa altura, estavam na escola vieram ao pé da janela ver os farrapos.

«Marcelino»

Calvário

É frequente virem certos fofasteiros por aqui, muito preocupadamente, inquirir a afluência de donativos, nestes tempos que correm. Temem que isto não vá pelo melhor. Ora esta inquisição traz dentro um suposto errado. As fontes do nosso «rendimento» não secaram nem vêm a diminuir de caudal. Os amigos de sempre são sempre amigos. A amizade, se é verdadeira, não muda com os ventos. E, então, se ela enfraquece na mesma certeza que nos fez começar o Calvário, nunca virá a extinguir-se.

O empenho que os nossos amigos punham, continuam a pô-lo para que não nos falte nada. Eles carregam de tudo: dinheiro, roupas, alimentos, e a presença encorajante. Senão vejamos:

O avô prossegue com 200\$ mensais. Bem assim, «portuen-

se qualquer» que nunca desanima, nem igualmente a «humilde portuense», firme no seu propósito. Maria Rosa com 500\$ para o casal de velhinhos. Pá-roco do Porto com 2.000\$. Assinantes com 20\$ mensais, com 100\$, outros com 500\$. Visitantes com 1.000\$, com 800\$. Aida com trinta notas de mil. Maria Luíza com 40\$ todos os meses. Emília com 300\$. M. José com 200\$. Cristina com 500\$. Serafim com o seu óbulo costumado. M. J. de S. Mamede também com 100\$ mensais. Aguiar com 1.000\$ e azeite. Ângela com outro tanto. Américo com dez vezes mais. Noémia com 1.000\$. Grupo de teatro de Rebordosa com 4.000\$. Viúva com 50\$ pelo marido. Helena com 700\$ mais bolos. Engenheiro com 50.000\$. Sacerdote com 3.750\$. Lucília com uma lembrança já nossa conhe-

cida. Anónimo da Mealhada com 1.000\$. Carlos Alberto com outro tanto. Rosa com seu óbulo e Cândida com 1.000\$.

Em sufrágio de Isaura, 70\$. Pelos pais, 1.000\$. Pela mãe, todos os meses, 50\$. Na capela de Paço de Sousa, 500\$. Por alma de Torcato, 100\$. Por intenção de Augusto, 1.000\$. No Montepio de Lisboa, 2.180\$ de ofertas várias. Por intenção de Augusto, 500\$. Doente envia 5 contos.

Do Porto, uma professora com 2.000\$. De New York, 20 dólares. De Melgaço, 1.000\$. De Vilar de Andorinho, metade. De Vermoim 3.000\$, mais 1.000\$, mais 500\$. De Inglaterra, 2.170\$. Do Funchal, dois mil cento e sessenta. De Chaves, roupa. Do Porto, 1.000\$. E mais 2.000\$ através do se-

Cont. na 3.ª pág.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Uma carta de Gondomar. Preciosa! Aqui está:

«A Paz de Deus.

A partir deste momento, queira considerar-me assinante de O GAIATO, para o que junto a quantia pobre de 100\$00, pois eu também sou pobre.

Sem mais, desde já os meus agradecimentos, e que Deus continue a cobri-los de bênçãos. Ao vosso dispor...»

Continuamos no meio dos Pobres! Ouçam S. João do Estoril:

«Como há muito desejava, venho pedir-me aceitem como assinante de O GAIATO, para o qual envio 50\$00. Junto mais 50\$00 para ajuda das vossas despesas. Muito mais gostaria de mandar, mas sou pobre e por essa razão não o faço. Que o Senhor proteja sempre essa bela Obra...»

Agora, Torres Vedras:

«Incluo 70\$00 para um novo assinante, adolescente. Mas, antes, fiz-lhe compreender que é jornal para ler e meditar; e não se deitar ao chão. Depois de ler, se não quiser guardar, empresta-lo a outras pessoas que o possam apreciar. Para mim é um jornal santo, não para desperdícios.»

Barcelos:

«Reformado dos Caminhos de Ferro da Beira, Moçambique, envio um vale de correio para o Natal dos nossos queridos Irmãos.

De Moçambique enviava as minhas pequenas ofertas, conforme as minhas posses. Hoje, estou reformado. Tenho uma pequena reforma. Só nesta altura me foi possível mandar esta pequena ajuda pelo que peço desculpa.

Em Moçambique recebia O GAIATO pelo correio. Caso seja possível, agradeço me enviem o vosso jornal, que muito gostava de continuar a receber.»

Enquanto lemos a carta recordámos a expressiva generosidade dos Empregados do Porto e Caminhos de Ferro da Beira, aquando da viagem de Pai Américo àquelas terras, em 1952. Todos eles deram uma grande lição! Algumas moradias do Património dos Pobres foram erguidas com o contributo das suas economias.

Presença curiosa, do Porto:

«Habitual comprador de O GAIATO, resolvi, nesta quadra do Natal, ofertar-me a mim mesmo com uma prenda: associar-me à campanha de novos assinantes pelo que junto um cheque de 100\$00, respeitantes à assinatura do «Famoso», o qual sempre leio com muito interesse e inteiro agrado.

Rogando tomem em devida consideração a minha candidatura como novo assinante, subscrevo-me...»

Outra presença, também muito curiosa, de Castelo de Paiva:

«(...) Resolvi encontrar alguém que quisesse possuir o «Pão dos Pobres». Felizmente encontrei. E o mesmo senhor aceitou ficar, também, assinante de O GAIATO. «Deus escreve direito...»

Não poderíamos deixar debaixo do alqueire a voz de uma Viúva, de Castro Daire. Ei-la:

«Sou viúva do que foi assinante n.º 14195 e nunca deixei de ler O GAIATO. É para mim o de maior valor. Esperado sempre com ansiedade, muitas vezes é acabado de ler com lágrimas nos olhos. Tudo o que encerra não é «fogo de vista». São coisas concretas, coisas à vista. Que exemplos sublimes nos dá O GAIATO!...»

Envio também a direcção dum nova assinante que espera

ansiosa o nosso O GAIATO...»

Entre a procissão vai gente interessada em saber as condições de assinatura do jornal. Aqui estão, resumidas: ler O GAIATO. O resto virá por acréscimo. Mas o certo é que esta disposição não satisfaz os mais escrupulosos... Nesse sentido, esclarecemos ainda mais ao rés-do-chão: a assinatura anda por 60\$00 anuais, que poderão ser enviados por vale do correio ou cheque. Mas, por amor de Deus!, sublinhamos, não nos peçam cobrança pelos CTT. Além de não termos quadros permanentes à altura, e o trabalho de cobrança não ser muito próprio de O GAIATO, sacrificaríamos, inclusivé, o contacto directo, por carta, com os nossos assinantes. Os mais atarefados, sem tempo para escrever, podem mandar sua mensagem no verso dos novos vales do correio. Meia dúzia de palavras, o suficiente para indicar

o destino da importância. Entendido?

Só de Braga recebemos mais 14 novos assinantes, que já eram leitores de O GAIATO. Mas, como a Caixa de Previdência está fechada ao sábado, resolveram, assim, colmatar a ausência do nosso «Rouxinol», responsável pela distribuição avulsa naquela cidade. E se outros, noutros lados, e nas mesmas circunstâncias, fizessem o mesmo?

Mais assinantes do Porto e Lisboa; de Gueifães (Maia), V. N. de Gaia, Vinha da Ribeira (Escalos de Baixo), Milheirós (Maia), Aveiro, Torres Novas, Alhandra, Aqualva-Cacém, Ermesinde, Fânzeres, Mira d'Aire, Oeiras, Viseu, Nova Oeiras, Vindago, Parede, V. N. Famalicão, Fonte Arcada (Paço de Sousa), Figueira da Foz, Águeda, Setúbal, Ílhavo, Guarda, Perosinho (Terma, de S. Vicente), Boque (Serpins), Almada, Amadora, Seixal, Cête, Óbidos, Damaia e Belas. Do estrangeiro: Rio de Janeiro e Isfahan (Irão). Por onde a gente anda!

Júlio Mendes

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

São, pois, três irmãos, de quem nós sentimos na própria carne a tragédia de não termos uma sociedade sã, uma família capaz, segurança social ao menos, para que possam crescer livres do mal.

Estes são quadros da nossa vida dos dias 14 e 15 de Janeiro de 1977.

Amanhã vamos a Lisboa receber mais dois, três, nem sei quantos... São onze irmãos; a mãe morreu de parto; o pai é um refugiado de Timor; a filha mais velha, de 15 anos apenas, é grande anormal. Vivem no Vale do Jamor.

Padre José Maria

Correspondência de Jovens

● «Comprei hoje, pela primeira vez, o jornal O GAIATO, embora já conhecesse a vossa Casa. Passei por aí já há alguns anos, mas só hoje me apercebi do que é a vossa Obra.

Estou, posso mesmo dizer, maravilhada; ainda há quem vele pelos Pobres, quem se debruce sobre os seus problemas.

Sou uma simples rapariga de 21 anos, monitora de corte e bordados numa casa comercial no Porto. Vivo sem problemas financeiros, embora com um pequeno ordenado de 4.000\$00, mas há quem viva com muito menos. Mas com muitos problemas na vida, tantos!, a ponto de aos 21 anos

já não ter gosto pela vida, passar os dias solitariamente a trabalhar sem amigos, sem nada e passar as noites a rezar e a chorar e levantar-me ainda mais cansada do que quando me deitei.

Por isso resolvi escrever-vos, pois gostava de poder ser-vos útil em qualquer coisa, já que a minha vida não tem o mínimo sentido. Gostava de dar qualquer coisa de mim àquelas que não têm aquilo que eu tenho: algumas possibilidades económicas; e têm aquilo que eu não tenho: alegria de viver.

Quero, portanto, dizer-vos que estou inteiramente à vossa disposição para tudo o que precisarem, dentro das minhas

poucas possibilidades, claro.

Preciso de ser útil a alguém, pois isso será uma forma de me sentir viva e não moribunda.

Ao dispor para tudo o que desejarem e peço perdão pelo tempo que fiz perder e por ser maçadora.

Um abraço para todos. E peçam vocês nas vossas orações por uma pobre que vive nas trevas...»

● «Mais um dia findou e terminei-o da melhor maneira: indo à Missa; sinto-me feliz e espero que todos os gaia-tos se sintam também.

O vosso último jornal mais uma vez trouxe-me um pouco de luz. Adoro lê-lo, faz-me

bem à alma. Era tão bom, tão bom, que todos, mas mesmo todos, o lessem! Decerto que muitos desses corações duros derreteriam o gelo que os envolve.

Tenho Cristo na Sua Cruz, diante de mim. Ele olha para mim e eu para Ele. Custa-me um pouco vê-lo de braços estendidos, mas Ele está-me a dizer que é necessário estar assim, para que os homens ao olhá-lo não se esqueçam nunca do Seu Amor e eu sinto uma ternura tão grande por Ele; os Seus olhos suplicam amor, um amor livre e eu quero ser respondida a essa súplica.

A vossa missão deve ser maravilhosa, linda; é tão bom nós darmos a nossa vida pelo Próximo! Tanta criança a suplicar amor, compreensão, ajuda. Elas são Cristo partido e ao amá-las, amamos a Cristo. É a vocação mais bela, pura e maravilhosa. Sabe, tenho pena de não ser rapaz, para ser padre; havia d'ir para essas aldeias proclamar bem alto o Nome do Senhor. Mas, como rapariga, hei-de seguir esse mesmo caminho, mas vestindo as vestes de Maria.

Desculpe, já nem me lembrava que estava a escrever uma carta. Parece que estava a falar com alguém em pessoa. Por vezes o nosso espírito vagueia sem darmos por isso e, como me invade uma Paz anormal (é que Cristo está ali a sorrir-me e vela por mim), deixei a lapiseira em liberdade.

Junto envio 20\$00, sei que é muito pouco, mas é o que posso mandar. São pelo Santo Padre que tanto tem sofrido e pela perseverança de todos os sacerdotes. Amanhã, dia de Nossa Senhora, que Ela vos abençoe e a todos nós, que nos acolha a todos sob o Seu manto, protegendo-nos sempre.

Pronto, não vos maço mais; gostei imenso de vos falar um pouco.

Padre Baptista

Zinha»

Calvário

Cont. da 2.ª pág.

manário «A Ordem». De Vize-la, 900\$. Da Covilhã, 1.500\$. De Gavião, várias lembranças. Alice, de Matosinhos, 5.750\$. Do Externato Antero de Quental, 1.500\$ e cem cobertores oferecidos pelos alunos. De S. João do Estoril, 500\$, muitas vezes ao longo do ano. De S. Pedro do Sul, 100\$. De Rio Tinto, 1.000\$, de Diamantino. Do Barreiro, roupas e 300\$. De Coimbra, 200\$. De Angeja, 40\$. Da Foz do Douro, Ventura com 4.000\$. Da Covilhã mais 1.000\$. Da Azambuja, roupas. No Lar do Porto, 500\$. De Oliveira de Azemeis, 300\$. De Setúbal, 100\$. De Marrazes, 1.600\$. De Barcelos, 3.000\$.

Da Amadora, 500\$. Da capital, 100\$. De Braga, David com 600\$. Da Maia, 500\$ e da Pallaça, o dobro.

Antonieta prossegue com sua presença mensal. Anónimo de Penafiel com 500\$. Cristina com 200\$. Amigos de D. António Barroso com 1.030\$. Júlia de Leiria com 200\$. Ângela, com 500\$. Alguém de Ermesinde com 700\$. Pobre viúva de Coimbra com 500\$. José Maria com outro tanto. Lucinda com 40\$. Natália com 600\$. Irene com 500\$. Manuela com 200\$. Maia com 3.000\$. Teresa com 200\$. Terezinha com 1.000\$. António com 150\$. Funcionária pública do MEIC com 1.000\$. Emília, do Porto, com metade. Assinante da casa

dos cem com roupas. Anónimo com 10.000\$. Para a senhora Glória muitas migalhas. Anónima da rua das Papoilas, 70\$ todos os meses. Áurea, 100\$ e Alberto, outro tanto. Etelvina, da Foz, com 1.000\$ muitas vezes. E Alexandre aparece com a mesma soma. Carmen com 150\$. José com 500\$. «Zé ninguém» com 700\$ e com 150\$. Oswald com uma nota de 50\$ todos os meses, no Lar.

Criada Maria com 50\$, repetidas vezes também. Branca com 1.000\$. Maria de Viseu com outros 1.000\$. E Abílio, também com os mesmos 1.000\$. Maria Elvira com o aumento de ordenado. E logo a seguir lençóis muito bem acabados, para os Doentes, a quem muito quer. M. Glória torna outra vez com 2.000\$ de subsídio de férias. E um simples reformado com 100\$.

Paramos aqui, que o desfile das presenças nunca mais há-de acabar.

PARTILHANDO

Quem sobe a nossa avenida e junto da casa-mãe, encontra um largo pequeno de terra batida, chamado Redondo. É aí o estádio de futebol dos «Bata-tinhas», com as medidas bem de acordo com o ser dos atletas. Pouca gente se apercebe do estádio «grande», porque pequenino. As balizas não têm traves e os postes são duas pedras dum lado e uma árvore e uma pedra do outro. Não há bolas-fora nem bola ao centro, nem foras-de-jogo, nem árbitros! Há apenas pontapé de baliza, pequenas e grandes penalidades e golos e alegria e pouco mais. Os desafios são diários, logo após o almoço. A assistência que ali ocorre, ou ri e está calada e não há problemas de maior, ou fala e dita leis e só «mete o pé na poça». Tudo muito certo — porque muito simples. Quanto aos golos pelo ar, seria melhor nem falar, para não sujar a escrita, pois é quase só por isso que um jogo dos «Batatas» começa e acaba sem

aquele brilho de «limpeza» ideal, desportiva. Mas a culpa é somente das traves que lá deviam estar e não estão — o que torna os olhos «elásticos», conforme os interesses do golo. Porém, isto comparado com os «desvios» mais diversos, escondidos ainda na palavra Desporto, a quaisquer níveis e bem visíveis aos olhos do corpo e do espírito, é apenas uma lição a tirar.

No desportivismo, as crianças são mestras. E é na estima pelo essencial que elas têm o sabor do profundo e da simplicidade. E nós, com as nossas «madurezas», roubamos-lhes tantas belezas... Se há birras os efeitos não são nada iguais aos que os adultos conhecem entre si. Nelas, o sentimento desaparece à velocidade do relâmpago. Se «cai cartuchada», e de vez em quando cai mesmo, ela acaba ligeiramente com duas lágrimas preguiçosas.

Hoje o «Campeão», durante o desafio da praxe, chamou-me

a atenção para o comportamento silencioso e muito correcto do «Cibinho», tão diferente dos gritos do Filipe, mesmo com seus lindos «drea-bles» e golos e tudo! Que chamada de atenção bem oportuna, pois todos nós já vamos sofrendo, mais ou menos, do mal dos «barulhos».

É assim que as crianças vão crescendo!

Assim nós crescêssemos na ajuda que lhes devemos por um direito que não se impõe, aprendendo sempre e sempre com as suas brincadeiras e... talvez a pena de morte e outras «coisas» mais, não passassem pela cabeça de ninguém. Assim, a América, a África e o mundo inteiro vão enlutando a sua dignidade, ao desfazerem-se violentamente de Seres-Homem, que ontem, como crianças, brincavam e sorriam... A pouco e pouco, desprezados e esquecidos... E hoje assim «arrumados»!

Que fácil é condenar!

Que difícil é amar, compreender e educar!

Padre Moura

ORDINS

A vida está mal para todos. Porém, mais para uns do que para outros. E estes são em maior número. Então quando falta a saúde!? Pior ainda. No entanto, creio que a caridade ainda existe nos corações bem formados e amigos de irem ao encontro dos mais necessitados, com a sua ajuda, grande ou pequena. É, pois, esperanças na compreensão dos Amigos da nossa Obra e dos leitores do «Famoso» pela qual ela é conhecida, que venho trazer à vossa presença a necessidade urgente de um dos nossos Irmãos. Trata-se de um homem de 38 anos, casado, com duas filhas, uma de 10 anos e outra de 7. Esteve no hospital a fazer uma operação. Depois, veio para casa, até se restabelecer e entrar de novo no trabalho. Entretanto, como era amigo de fazer vontades, foi ajudar a fazer um poço. E aqui, por infelicidade, caiu. Foi de novo para o hospital, mas ficou inutilizado para toda a vida, pois tinha quebrado a espinha. Como não é homem de ficar metido nas quatro paredes de um quarto, mesmo assim quer ganhar o sustento da família. Mas, para isso precisa de um carrinho a motor e coberto, para todas as épocas do ano. Ora o carrito, ou cadeira, fica por 33 contos. Já deram uma volta pela freguesia, mas só juntaram 10 contos. Faltam, portanto, 23. Acho que é uma ajuda bem empregue e Deus vos recompensará.

Lembrem-se que a caridade é a chave do Céu e o distintivo dos que se aproximam do nosso Semelhante.

Cá fico esperando o vosso auxílio neste sentido, o que desde já agradeço.

Como têm aparecido novos Leitores e desconhecem a nossa Obra, aqui vai a direcção: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares (Douro 1) Telef. 95142 (rede de Penafiel).

Maria Augusta



«Nas casas de família todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes.» É assim no Tojal e em todas as nossas Comunidades.

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Fui visitar uma escola a poucos quilómetros daqui. As crianças e o ambiente geral impressionavam bem. Falámos uns e outros sobre o Natal e sobre o intercâmbio das acções que deviam encher a nossa vida, agora e sempre. Todos concordámos que o Natal não deve fixar-se somente em Dezembro. A certa altura chegou a hora dos pequenitos tomarem a ligeira refeição; e abandonaram a sala de aula. Para onde foram? Onde é o refeitório ou a cantina? Verificámos que ficavam ao ar livre... Naquele dia caía chuva, e fortes rajadas de vento frio tiravam todo o sabor agradável e reconfortante que a refeição parecia ter. As crianças não protestavam, mas os seus meigos olhinhos e uns sorrisos improvisados e tímidos diziam que assim não estava certo. Não foi possível sair dali sem fazermos um propósito. Vamos construir uma sala que seja abrigo acolhedor. Há terreno. Há quem ajude a abrir os alicerces. E a ideia começou a

ginar. E apareceu dinheiro para levantar as paredes, talvez, até ao meio. Estamos confiantes que enquanto se faz aquele trabalho e se gastam as primeiras ofertas, hão-de chegar outras que levem as obras ao fim.

Esta notícia, ainda no princípio do Novo Ano, vai servir de cartão com saudações de Boas Festas a que alguns, por certo, vão retribuir com a resposta agradável dum tijolo ou duma telha. E assim, a obra, se não for de todos, é de muitos que sabem pensar nos outros e colaborar no bem duma comunidade que não conhecem, mas que amam de modo diferente, porque precisa mais.

Para não baralhar os planos de ajuda na construção daquele abrigo, hoje não damos mais notícias do Lar de S. Domingos. Acrescentamos somente uma palavra de gratidão a todos os que marcaram presença amiga na ocasião das Festas do Natal.

Padre Duarte

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Setúbal

Nunca como agora me sinto padre da Rua. Na Rua por não ser nada. Na Rua por nada ter. Na Rua ao serviço dos que nela nada têm igualmente. Vivemos na Rua ao «Deus dará»; sujeitos ao que vier. Roubam-nos. Ameaçam-nos. Insultam-nos. Caluniam-nos. Passamos por tudo, mas nada me doi mais do que ver as crianças vítimas de uma situação inacreditável: elas indefesas, sujeitas aos caprichos de gente sem escrúpulos. Vêm para nossa Casa por não terem a sua família. Gostaríamos nós de ser a sua. Mas não podemos. A Lei não nos garante essa capacidade.

Qualquer bicho-careta pode aqui vir e levar um rapaz! Basta que ele não saiba distinguir o bem do mal e seja solicitado por uma aparente vantagem.

Agora foi uma enxurrada deles: o Zé Miguel, levado pelo pai — um bêbedo incorrigível e um atrasado mental. O Luís, levado pela mãe que o abandonara aos 7 meses e nunca mais por ele se interessou. O Zé Maria, de novo levado pelo pai que nunca dele quis saber. Há dias, na Lota, o pai do João Paulo ameaçou-me também que, qualquer dia, vinha cá buscar o filho. Foi a Comissão de Moradores do Bairro do Liceu que me pediu pró menino. Para falar com o pai, só antes das nove horas da manhã. A partir daí está bêbedo. Levantámo-nos cedo para estar na Lota às 7. Combinámos que eu seria o pai do seu filho. Qualquer dia terei de me opor com a minha força física e sujeitar-me ao que vier para defender o João Paulo? Não sei. Viemos a apurar que um criador de gado, alugando um terreno contíguo ao nosso, faz o seu negócio com três crianças nossas! Teoricamente teríamos a quem recorrer — e por isso o mal ainda é maior — mas na prática não temos nada. Vivemos na Rua. Se eu fizesse uma revolução começaria por aqui: pelos direitos da criança, da criança pobre; da criança abandonada. A ela iria buscar toda a minha força e a minha argumentação. Todas teriam pelo menos pai ou alguém que possuísse a capacidade paternal. Jamais seriam sujeitas à exploração infamante em que esta Obra as encontra há quase quarenta anos e contra a qual luta, sem que até agora tenha vencido.

Se eu fosse deputado havia de pôr à cabeça de todos os problemas que afligem a Nação, em primeiro plano, o que nele está com toda a justiça: a situação da criança abandonada. Não descansaria, não me voltaria para outras questões enquanto esta, fundamental para um povo, não fosse correctamente resolvida. A criança tem direito a ter, se não mais, pelo menos paternidade consciente e capaz que a eduque, defenda e ame. Com estruturas novas e homens velhos não se faz mais que pôr vinho novo em odres velhos. Tudo rebenta. Vivemos na Rua.

Padre Acílio